



## O HOMEM NO MISTÉRIO DAS RELAÇÕES DIVINAS

(*The Men in the Mystery of the Divine Relations*)

**Me. Sergio Alejandro Ribaric\***

Mestrado pela Faculdade de Teologia da PUC-SP.

E-mail: ribaric@estadao.com.br

### RESUMO

O mistério das relações divinas com o homem, no pensamento do teólogo Suíço Hans Urs von Balthasar, sempre focou a *kenosis* de Deus como uma renúncia a Sua divindade. Mas o sofrimento do homem comum e a injustiça que a sociedade lhe impôs, em tantos momentos da história, obrigam a ir mais além. A personalidade do homem Jesus não *apenas* revela o mistério das relações trinitárias, mas no assumir a dor humana, e o risco da própria vida em favor da justiça, Jesus revela também o verdadeiro homem contido no *sonho* da criação e chamado à vida plena no mundo.

**Palavras-chave:** Kenosis. Kenosis primordial. Von Balthasar. Trindade.

### ABSTRACT

The mystery of the divine relationship with the man at the thought of the Swiss theologian Hans Urs von Balthasar, always focused on the *kenosis* of God as a renunciation of his divinity. But the common man's suffering and injustice that society has imposed on so many times in history, forced to go further. The personality of the man Jesus did not *just* reveals the mystery of trinitarian relations, but in human suffering and take the risk of their lives for justice, Jesus also reveals the real man contained in the *dream* of creation is called to a full life in the world.

**Keywords:** Kenosis. Kenosis primary. Von Balthasar. Trinity.

### INTRODUÇÃO

A teologia de von Balthasar está impregnada de elementos de reflexão trinitária. Em praticamente todas as áreas teológicas em que ele adentra, percebe-se a dimensão trinitária fundante que não apenas dá origem a sua articulação, mas conduz todo seu posterior desenvolvimento e pensar. Sua Cristologia, sua reflexão sobre o sofrimento e o abandono da cruz, intenta compreender a relação entre o Deus cristão e a humanidade, articulando elementos antropológicos com as ações divinas e humanas dentro da história e procurando pistas desse Deus, que *ele vê* atuando constantemente no mundo, profundamente empenhado na sua salvação.

## 1. O MISTÉRIO DAS RELAÇÕES DIVINAS

A questão central da trilogia de Hans Urs von Balthasar, notadamente do volume três intitulado de *Teodramática, El hombre en Cristo*,<sup>1</sup> gira em torno das relações divinas e da representação de Deus no drama. O *Logos* do Pai só aparece na natureza humana de Jesus Cristo. O *'eu'* que se refere a Sua procedência do Pai o pronunciam seus lábios humanos.<sup>2</sup>



O mistério das relações divinas é, para o autor, um *locus* teológico: a questão abordada ao qual o autor se refere nessa obra é a mesma que o homem sempre se reporta em várias fases de sua história: Deus responde ao drama humano ou é apenas um espectador do grande teatro organizado por Ele e para Ele? Os elementos da teologia de Balthasar para a resposta a essa pergunta, são os contidos nos eventos silenciosos da Paixão e cruz, onde Deus entra em cena na pessoa humana de Jesus Cristo, renunciando a ser diretor e juiz, humilhando-se ao assumir uma posição humana. Em Balthasar, o foco de seu pensamento segue a perspectiva da *kénosis*. Mas, este *rebaixar-se* O faz renunciar a sua divindade?<sup>3</sup>

Sua trilogia continua a partir de uma releitura da vida de Jesus, onde seu pensamento formula uma elaboração da tri-personalidade de Deus,<sup>4</sup> do Deus Trindade. A distinção dos vários sujeitos em Deus não é possível, desde o ponto de vista cristão, senão a partir do comportamento de Jesus: *Somente Nele se abre e se faz acessível à Trindade*,<sup>5</sup> o que na obra balthasariana equivale a dizer que os personagens teológicos não podem ser definidos independentemente de sua ação dramática, além dos eventos da paixão e cruz. Por vezes, tem-se a impressão que o conceito de *Kenosis* adquire em von Balthasar um alcance exagerado, que termina por eclipsar outros aspectos também presentes na Sagrada Escritura, e que se constituem num valor positivo na teologia e sobretudo na vida cristã concreta. O amor, sempre colocado como renúncia, pode perigosamente colocar-se como valor último do cristão, e do próprio Cristo. Sendo que essa renúncia, em Cristo, leva a algo positivo: a plenitude da vida do homem.

Na medida em que Jesus se dá ao mundo e se entrega à sua missão, não é a Sua divindade que se manifesta, mas a Sua humanidade no que ela tem de mais próximo do ideal divino da criação. E é justamente esse ideal manifesto que o diferencia dos demais homens que compõem a sociedade que o envolve. Paradoxalmente, é justamente nessa mesma medida em que Ele assume essa humanidade, que o Deus escondido revela-se Nele completamente. No entanto, do Pai, do Filho e do Espírito, como pessoas divinas, podemos saber algo graças à figura e ao comportamento de Jesus. Este se apresenta constantemente como a interpretação de Deus-Pai, que não desaparece ao assumir a condição humana, mas que continua existindo Nele, em sua plenitude: *Ninguém jamais viu Deus. O Filho único, que está no seio do Pai, foi quem O revelou* (Jo 1,18). Em Jesus, portanto, o revelar-se do Pai não ocorre de *modo elementar*,<sup>6</sup> reduzido, mas em sua profundidade total, sem deixar de ser Deus, *podendo chegar a ser imanente à representação do mundo, sem ter de abandonar a sua transcendência, superior a toda representação. Pode, para citar uma situação mais extrema, submeter-se ao juízo de Deus, sem deixar de ser Juiz*.<sup>7</sup>

## 2. JESUS, A REVELAÇÃO DO ROSTO DE DEUS

O mistério do amor de Deus pelo homem tem uma base de semelhança no fenômeno do amor humano, embora as não-semelhanças sejam sempre maiores:<sup>8</sup> *O perfeito amor da criatura é uma pura imago trinitatis*.<sup>9</sup> A doação mútua que constitui a pessoa de Deus concretiza-se efetivamente na geração do Verbo encarnado: o Pai, criador da palavra que se encarna em resposta plena ao Pai. Por conseguinte, evidencia-se o *modo de existir* singular que possui plenamente a natureza divina comum, de maneira infinitamente livre, cujo fruto é o Espírito Santo. Se for verdade que o Pai deixou participar os seres criados nesta existência, deve-se, portanto, encontrar o arquétipo do ser-pessoa no modo de existir do Filho. A pessoa é uma e



não composta, como Balthasar explicita amplamente na sua obra Teodramática.<sup>10</sup> Embora se perceba nele uma preocupação sempre muito presente na sua obra de que essa teologia não absorva a natureza humana de modo monofisista,<sup>11</sup> ou seja, sacrificar a integridade da natureza humana na união, deixando-a sem suporte. O *eu* humano de Cristo, é o Verbo encarnado e único de Deus que assume a natureza humana tal como afirmado no Concílio de Calcedônia. O alcance teológico da fórmula de Calcedônia - duas naturezas sem mistura nem separação em uma pessoa e uma hipóstase, consiste neste reconhecimento: a síntese de Deus e homem não se pode formular somente no nível da natureza ou essência. Nesse ponto, Balthasar cita Walter Kasper:

Precisamente porque Jesus se sabia totalmente um com o Pai, tinha ao mesmo tempo uma consciência absolutamente humana: fazia perguntas, crescia em idade e sabedoria (Lc 2,52). Sua consciência de unidade com o Pai não era, pois, um saber objetivo, mas uma espécie de existência e orientação fundamental que ia adquirindo nas situações sempre surpreendentes, nas quais Jesus percebia, concretamente, qual era a vontade do Pai.<sup>12</sup>

A encarnação do Filho, como fato histórico e único em que se revela o ser e o amor do Criador, ao mesmo tempo em que se revela também o ser e o pecado da criatura. Essa *kénosis* do Cristo não significa de modo algum o abandono de seu Ser-Deus: a encarnação é uma mudança de forma e não de essência. Logo, a *kénosis* não é simplesmente um auto-aniquilamento, mas um entrar em sincronismo com a existência finita, vivendo sob as limitações dessa criatura para, com isso, compartilhar e sofrer as mesmas violências que o homem histórico vive. No momento da cruz, Aquele que era Deus, assume a posição do homem abandonado e injustiçado, assume vivendo a sua situação histórica, sob as consequências de um enfrentamento que visa mudar uma situação de injustiça, em todas as suas dimensões. *Deixa* de ser Deus para ser homem, e com isso revelar, juntamente com o Pai, a solidão e a impotência desse pecado e da morte como um poder dominante que angustia e amedronta o homem na sua existência. A superação do pecado realiza-se passando sob seus efeitos e vencendo-os; como o respalda a carta aos Romanos: *A lei do Espírito da vida em Jesus Cristo te libertou da lei do pecado e da morte* (Rm 8,2). No episódio da Cruz, aquilo que já se esboçava no Antigo Testamento chega ao seu ápice: o sofrimento de Deus, compartilhando com os homens de sua dor. Essa é a maneira que Ele escolhe para se manifestar como Deus dos homens e para se autodefinir como Deus na sua forma mais radical: o perdão, a misericórdia, a solidariedade.

A encarnação do Filho também configura uma *kénosis* porque ela determina um distanciamento do Pai que não se encarna. Ao se distanciar do objeto de Seu amor, sofre. Balthasar trabalha muito a ideia de um sofrimento que já existe no Pai antes mesmo da Encarnação do Filho, dentro do mistério de Deus, na própria vida intradivina, *ad intra*, justamente pelo fato do Pai ter dado a Sua essência para outro. O sofrimento e aniquilamento de Deus Pai que, não sendo humano, configura uma *kénosis* primordial: Deus Pai dá tudo para o Filho, derramando sobre Ele a Sua essência.

[...] devemos retornar ao mistério da *Kénosis*, cuja primeira consequência foi a encarnação, vindo em seguida toda a existência humana de Jesus. Enquanto de um lado, a Pessoa que se rebaixa até a forma servil pertencente ao Filho divino é, por isto mesmo, a expressão de sua liberdade divina – e, inclusivamente, de sua harmonia com o Pai – durante sua existência de servo, do outro lado, a obediência



que determina toda a sua existência é não apenas função daquilo que Ele se tornou (ou seja, existência destinada à morte), mas aquilo que Ele quis ser, rebaixando-se e se esvaziando: alguém que, pelo despojamento de sua 'forma de Deus' (e, por conseguinte, de sua autodisponibilidade divina), obedece ao Pai de um modo eminente e único, ou seja: de um modo tal, que sua obediência deverá representar a tradução *kenótica* de seu amor filial e eterno para com o Pai.<sup>13</sup>

Jesus sempre se reporta ao Pai como o Seu ponto de origem e de referência: de onde Ele vem, desde onde Ele fala e age, e ao ponto em que constantemente refere-se como ao qual voltará um dia. Balthasar vê nessa característica de Jesus a revelação completa da Sua divindade. Para o autor é justamente nesta relação que Jesus quer ser compreendido como *a verdade*: como o desvelamento do Pai, realizado perfeitamente no Filho, e a todo aquele a quem o Filho quiser revelar, *mediante a sua participação na santa intimidade de ambos*,<sup>14</sup> conforme Mateus: *Todas as coisas me foram dadas por meu Pai; ninguém conhece o Filho, senão o Pai, e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho quiser revelá-lo* (11,27).

### 3. JESUS, A REVELAÇÃO DO VERDADEIRO HOMEM

Mas esse constante reportar e desvelar o Pai, também é característica do Jesus humano. Esse assumir a missão, que aos poucos se vai revelando, também é parte do ser homem, revelado por Jesus. Pode ser temeroso, por ser tão vasta, afirmar que a teologia de von Balthasar separa completamente o homem das relações entre Pai e Filho na Encarnação, mas é certo que ela ao menos não explicita que, O Deus que se faz homem, não o faz apenas para o cumprimento dos eventos da Cruz. Mas desde o primeiro momento da encarnação, Cristo também é a revelação do ser perfeito do homem. Em seus aspectos éticos e na sua ação libertadora. Seus olhos, sempre voltados aos pobres e humildes, que se apiedaram de pecadores (Lc 5,32), cegos (Jo 9,1; Lc 18,35; Mc 8,22), coxos (At 14,8) e até choraram pela morte de Lázaro (Jo 11,35), são olhos humanos, muito próximos aos olhos daqueles que durante os anos seguintes seguiram seus passos. Em Cristo, portanto, existe o elemento constitutivo do ser homem em sua dimensão total que não está presente na Teologia balthasariana. Cristo não é *apenas* Deus que se revela, como logos do Pai. Mas também é a revelação do verdadeiro homem que reflete o *múnus* de Deus contido nele. Na medida em que sua humanidade tem de mais perfeito, não é Deus que se revela em Cristo, mas o verdadeiro homem chamado à vida plena no mundo.

O Cristo é a revelação do Pai. Nessa ação, o homem tem o papel de espectador do drama que transcorre à sua frente. A distinção das três pessoas em Deus não é possível desde o ponto de vista humano, a não ser na observação do comportamento de Jesus, que abre e torna acessível o mistério da trindade ao cristão. Não podemos, portanto, chegar a conhecer a Trindade imanente senão pela Trindade econômica.<sup>15</sup>

[...] Desde o ponto de vista Cristão, a Trindade econômica aparece realmente como a interpretação da Trindade imanente que, não obstante, ao ser o princípio fundante da primeira, não pode ser identificada simplesmente com ela. Porque em tal caso a Trindade imanente e eterna corre o risco de reduzir-se a Trindade econômica; mais claramente, Deus corre o risco de ser absorvido no processo do mundo e de não poder chegar a si mesmo a não ser através de dito processo.<sup>16</sup>



Aqui talvez surja um primeiro ponto em dissonância com a teologia de Karl Rahner. Contemporâneo, o também jesuíta Rahner vê nesse cuidado teológico do colega, uma certa supressão da Trindade, como diz: *pois hoje em dia, ao se falar da Encarnação de Deus, o olhar recai, teológica e religiosamente, apenas sobre o fato de que 'Deus' se tornou homem [...], a ideia que o cristão tem da Encarnação em nada teria de se modificar, se não houvesse Trindade*<sup>17</sup>. A Trindade *imanente*: Pai, Filho e Espírito, estão sempre presentes como Trindade *econômica*, como uma Trindade que se revela em três modos ao subsistir nos atos concretos da vida humana. Esse posicionamento enriquece o ser histórico e concreto de Jesus, já que sua morte é consequência de todo o seu agir, dentro do contexto social em que Ele vive.

## CONCLUSÃO

A Teodramática balthasariana carece de uma interpretação mais clara da morte de Jesus aliando-a a Sua pessoa e a sua atividade. Pois apenas dessa forma os sofrimentos de Jesus se dão em solidariedade com o mundo e com os sofredores do mundo. A revelação do ser de Deus em Cristo inclui a resposta de Deus a tantos males e sofrimentos dos homens. Este pensamento está intimamente ligado à responsabilidade do homem sobre o mundo que vive.

A teologia, nesse aspecto, deve ir além da perspectiva de Balthasar, inserindo em seu pensar teológico a dimensão humana. O evento Pascal é algo que deve ser estudado analogicamente com o mundo moderno em cada momento de sua história. A cruz, como a ressurreição, não está separada da realidade que o homem experimenta, da mesma forma como a práxis de Jesus não é e não pode ser afastada da realidade atual de cada homem.

Portanto, é nessa realidade em que o homem vive e se relaciona que a teologia deve atuar e postular seus temas fundamentais. Trazer seus conceitos para as realidades do mundo atual e para o sofrimento do homem, colocando seu olhar também, e principalmente, sob as suas causas: *Se a teologia for elaborada à margem desta realidade, terá que ouvir a acusação de cinismo... será acusada de vacuidade.*<sup>18</sup>

Cristo na cruz é o amor que sofre em solidariedade com aqueles que sofrem. É imagem brutal daqueles que sofrem sem imagem, esquecidos pelo mundo. Jesus assume essa dor quando é necessário, por amor aos outros: sua missão também é pôr em risco a própria vida em favor da justiça. É ser capaz de renunciar ao que lhe pertence em favor dos pobres. É, em definitivo, o exemplo que os primeiros mártires procuraram ensinar e viver.

*Quem não ama seu irmão a quem vê não pode amar a Deus a quem não vê (1Jo 4,20).*





## BIBLIOGRAFIA

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulinas, 1989.

BALTHASAR, H. U. *Teodramática, v. 2: Las personas Del drama: el hombre en Dios*. Madrid: Encuentro, 2006.

\_\_\_\_\_. *Teodramática. Volumen 3: Las personas del drama: el hombre en Cristo*. Madrid: Encuentro, 2006.

\_\_\_\_\_. O evento Cristo. In: FEINER, Johannes; LOEHRER, Magnus, *Mysterium Salutis III/6*. Petrópolis: Vozes, 1974.

KASPER, W. *Jesús, el Cristo*. Salamanca: Sigueme, 1978.

RAHNER. K. O Deus Trino, fundamento transcendente da história da salvação. In: *Mysterium Salutis II/1*. Petrópolis: Vozes, 1978.

## NOTAS

\* Mestre em teologia sistemática pela Faculdade Nossa Sra. Assunção da PUC SP.

<sup>1</sup> BALTHASAR, H.U. *Teodramática, v.3: Las personas del drama: El hombre en Cristo*. Madrid: Ediciones Encuentro, 2007.

<sup>2</sup> *Ib.*, p. 481.

<sup>3</sup> BALTHASAR, H.U. *Teodramática, v.3: Las personas del drama: El hombre en Cristo*. Madrid: Ediciones Encuentro, 2007, p. 464 ss.

<sup>4</sup> BALTHASAR, H.U. *Teodramática, v.3: Las personas del drama: El hombre en Cristo*. Madrid: Ediciones Encuentro, 2007, p. 463.

<sup>5</sup> *Idem*, p. 464.

<sup>6</sup> *Ib.*, p. 465.

<sup>7</sup> *Ib.*, p. 465.

<sup>8</sup> É um exemplo frequentemente utilizado na obra de Balthasar, sobretudo, na relação mãe-filho e esposo-esposa. Cf. BALTHASAR, H.U. *Teodramática, v. 2: Las personas del drama: El hombre en Dios*. Madrid: Ediciones Encuentro, 2006, p.162ss.

<sup>9</sup> *Ib.*, p. 162.

<sup>10</sup> BALTHASAR, H.U. *Teodramática. v.3: Las personas Del drama: El hombre en Cristo*. Madrid: Ediciones Encuentro, 2007, p. 194 ss.

<sup>11</sup> O Monofisismo foi uma doutrina do século V que acreditava numa só natureza, *physis*, na pessoa de Cristo. Foi condenado no Concílio de Calcedônia em 451 e aceita a fórmula de fé em que se admite na pessoa do Filho, duas naturezas, a divina e a humana. Estas duas naturezas, completas, conviviam numa só pessoa, Cristo.

<sup>12</sup> KASPER, Walter. *Jesús, el Cristo*. Salamanca: Editora Sigueme, 1978, p. 298.

<sup>13</sup> BALTHASAR, H.U. O evento Cristo. In: FEINER, Johannes; LOEHRER, Magnus, *Mysterium Salutis III/6*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1974, p. 58-59.

<sup>14</sup> BALTHASAR, H.U. *Teodramática. v.3: Las personas Del drama: El hombre en Cristo*. Madrid: Ediciones Encuentro, 2007, p. 464.

<sup>15</sup> *Idem*, p. 466.



<sup>16</sup> Idem, p. 466.

<sup>17</sup> RAHNER, K. O Deus Trino. In: *Misterium Salutis*, II/1, p. 285-286.

<sup>18</sup> SOBRINO, J. *Jesus na América Latina seu significado para a fé e a cristologia*. São Paulo: Loyola, 1985. p. 97.

Artigo recebido em 14/11/2011  
Artigo aprovado em 01/12/2011